

Tecnologias de comunicação e percepção: abordagens teóricas sob viés crítico



Ericson Saint Clair¹

Resumo: O impacto das tecnologias da comunicação na percepção humana é tema recorrente na atualidade. Investigamos uma série de textos teóricos de referência na área de comunicação que estabelecem certo nexos causal entre o advento de novos meios e uma suposta deterioração perceptiva. Defendemos que a oposição rapidez X lentidão institui certo binarismo tanto na crítica como nas propostas de resistência, dificultando a problematização efetiva envolvendo meios, percepção e cultura.

Palavras-Chave: Meios de comunicação. Percepção. Slow media.

Tecnologías de comunicación y percepción: enfoques teóricos bajo sesgo crítico

Resumen: El impacto de las tecnologías de la comunicación en la percepción humana es tema recurrente en la actualidad. Investigamos una serie de textos teóricos de referencia en el área de comunicación que establecen cierto nexos causal entre el advenimiento de nuevos medios y un supuesto deterioro perceptivo. Defendemos que la oposición rapidez X lentitud instituye cierto binarismo tanto en la crítica como en las propuestas de resistencia, dificultando la problematización efectiva involucrando medios, percepción y cultura.

Palabras clave: Medios de comunicación. Percepción. Cultura Slow.

Communication technologies and perception: theoretical approaches under critical bias

Abstract: The impact of communication technologies on human perception is a recurring theme today. We investigate a series of theoretical texts of reference in the area of communication that establish a certain

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, do Departamento de Artes e Estudos Culturais, Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ.

causal nexus between the advent of new media and a supposed perceptive deterioration. We argue that the opposition to rapidity and slowness establishes a certain binarism both in criticism and in proposals of resistance, hindering the effective problematization involving means, perception and culture.

Keywords: Media. Perception. Slow Culture.

“Quanto mais grupos de Whatsapp, mais chances de divórcio”: esta foi a manchete de uma instigante matéria do jornal *El País* de 06 de Fevereiro de 2017 (SANCHEZ, 2017). O texto alertava-nos sobre os possíveis perigos dos usos contínuos de aplicativos e *gadgets* virtuais, que trariam como consequências o isolamento, a desatenção e a compulsão. Somos ainda informados da existência do curioso fenômeno do *phubbing*, um neologismo formado pela junção das palavras *phone* (telefone) e *snubbing* (esnober), criado para designar o insulamento a que os indivíduos estariam submetidos pelo uso indiscriminado de *smartphones*.

A matéria acima parece não configurar um caso isolado. Não é incomum encontrarmos ecos de certa regularidade discursiva (FOUCAULT, 2005) que vincula o uso de tecnologias de comunicação à aceleração da percepção humana. O cerne do argumento consiste em afirmar que os novos meios desencadeariam processos de alteração da percepção, seus regimes de atenção e sensação que, em última instância, provocariam grave deterioração das relações.

Neste trabalho, debruçamo-nos sobre esse intrincado conjunto de fenômenos que reúne desde a crítica aos dispositivos tecnológicos até as alternativas a eles arquitetadas. Nosso método consiste na investigação de diversos discursos teóricos sobre as relações entre meios de comunicação e aceleração da percepção. Para isso, dividimos nossa abordagem em duas partes. Na primeira delas, tecemos uma breve revisão bibliográfica de textos tradicionalmente considerados relevantes em nosso campo de estudo, tendo como mote o modo como avaliaram os efeitos das diversas tecnologias de comunicação em contextos urbanos. Nosso recorte enfatiza autores que privilegiaram uma perspectiva crítica em suas observações. Ainda nessa seção, indicamos que tais autores produziram certa linhagem de pensamento que, direta ou indiretamente, teve grande influência nas abordagens contemporâneas da questão. Em seguida, procuramos mostrar como a lógica esculpida em torno da oposição rapidez X lentidão pode ofuscar outros modos potentes de experienciar a relação dos meios comunicacionais com a percepção humana.

1. Meios de comunicação e percepção: abordagens críticas

1.1 “Modernidade neurológica”: alguns pilares teóricos do século XX

Dentre as temáticas mais comumente abordadas por aqueles que têm refletido a respeito das relações entre meios de comunicação e cultura, pode-se destacar a crítica à aceleração da percepção humana promovida no seio das mutações do regime capitalista de produção. Desde o começo do século XX, embora tenha havido diversas alterações nos *modus operandi* do sistema, é constante a presença em textos de um diagnóstico acerca da velocidade com que a vida urbana e, em especial, as tecnologias de comunicação, introduzem novos padrões de rapidez nos modos como se sente e se percebe a realidade. Singer (2004) sustenta que teria havido mesmo uma “concepção neurológica da modernidade”, nascida, segundo ele, com os trabalhos de Kracauer, Simmel e Benjamin. A modernidade, na perspectiva desses autores, seria a experiência resultante de choques físicos e perceptivos no ambiente citadino. Sendo assim, a nova era industrial poderia ser acusada de provocar uma espécie de hiperestímulo sensorial.

De fato, como sabemos, Simmel (1973) descreve, já na aurora do século XX, em 1902, as supostas alterações perceptivas nos indivíduos com o recrudescimento da vida urbana, em contraste com a vida rural que arrefecia. A velocidade das impressões fragmentadas a que o indivíduo citadino seria submetido suscitaria um novo regime perceptivo que empobreceria a reflexão e o adensamento da consciência propiciados no ambiente rural:

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca e ininterrupta de estímulos interiores e exteriores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um determinado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem apenas um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. (SIMMEL, 1973, p. 12, grifo do autor).

As ditas “condições psicológicas que a metrópole cria” seriam caracterizadas pela introdução de um padrão perceptivo tão veloz que exigiria dos indivíduos respostas até então inéditas na cultura humana. É conhecida

a figura do indivíduo com atitude *blasé*, que Simmel (1973) tece a partir de tais considerações. Essa atitude resultaria da reação aos estímulos contrastantes da cidade, em rápidas mudanças e compressões concentradas. “A essência da atitude *blasé* estaria no embotamento do poder de discriminação dos objetos do mundo” (SIMMEL, 1973, p. 16). Se reagisse com intensidade e atenção plena a cada estímulo da cidade, com seu trânsito dinâmico, suas luzes diversas, seus transeuntes apressados, suas vitrines coloridas, o aparato sensorial e perceptivo do indivíduo entraria em uma espécie de pane.

O argumento do autor recebe reforço nos períodos em torno das duas grandes guerras, quando o pessimismo e a angústia com as transformações sociais cresceram na mesma proporção dos avanços tecnológicos e militares. Em seu clássico texto sobre a obra de arte na era da reproduzibilidade técnica, Walter Benjamin parece menos interessado no estatuto da obra de arte do que na eclosão de um novo regime perceptivo que se inaugura, radicalmente diferente do anterior e com novas e potentes possibilidades estético-políticas. Em diferentes textos (todos com grande disseminação na área de Comunicação), Benjamin reforça a oposição aceleração X lentidão e acrescenta a ela novos elementos. Exemplos não faltam: os “choques” sensoriais que nos interpelariam no cotidiano urbano poderiam fazer-nos vislumbrar novos modos de subjetivação como o do *flâneur*; a reproduzibilidade da imagem na fotografia e no cinema aniquilam a aura da obra de arte, mas potencializam o inconsciente óptico como arma política etc.

Em especial, a preocupação de Benjamin com o declínio da *narração*, própria das comunidades rurais tradicionais, em proveito da *informação*, atributo do ambiente urbano com jornais, fotografias e outros, tem como pano de fundo a crítica à cultura da velocidade das sociedades industriais. A narrativa seria incompatível com a informação, uma vez que esta deve ser plausível, deve ter verificação *imediate*. A celeridade do regime da informação dificultaria a interpretação, própria do modelo da *narração*. A informação só teria valor no momento em que é nova, ao contrário do que se daria na narrativa. Tendo florescido em um meio de artesãos, a narrativa seria, ela própria, uma forma artesanal de comunicação. Por isso, a criação genuína seria mais fecunda em meio à lentidão. Daí, o famoso trecho de “O narrador” sobre o tédio:

o tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. (BENJAMIN, 1994, p. 204-5).

Uma vez que é abordada em termos de oposição rapidez X lentidão, a crítica à aceleração capitalista presente nos meios de comunicação parece carregar consigo uma sutil nostalgia com relação a uma imaginada lentidão criadora e libertadora. Como procuraremos sustentar mais adiante neste trabalho, a insistente recorrência a essa perspectiva, embora interessante, nubla

a emergência de outras, também possíveis e, talvez, menos desgastadas.

Na história das teorias da comunicação, a desconfiança com a rapidez dos “novos” meios tem no fundamental “A Indústria Cultural” um de seus destaques. Extremamente engenhoso, o texto de Adorno e Horkheimer nos alerta, na esteira de Marx, que os *processos* materiais de produção da cultura industrial se sobrepõem a qualquer *conteúdo*, uma vez que aquilo que de fato importa seria “a sequência automatizada de operações padronizadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128). Essas operações padronizadas reproduzem-se velozmente nos diversos meios de comunicação, impedindo-nos de fruir livremente de nossa percepção. Sobre o cinema, por exemplo, defendem Adorno e Horkheimer:

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Se, nos trabalhos de Adorno, Horkheimer e Benjamin, cinema, fotografia, rádio, telefone e jornais impressos são os meios “novos” de uma cultura de aceleração perceptiva, em textos da segunda metade do século XX, os autores remetem-nos a cenários em que outros novos meios tornam-se notáveis, em especial a televisão e os computadores. A despeito da singularidade das tecnologias mencionadas, insiste-se em tais trabalhos na ratificação do par opositor lentidão X rapidez, sendo esta última deterioradora da sutileza perceptiva dos indivíduos. Os estudos de Paul Virilio são exemplares nesse sentido. A respeito das tecnologias que são produtos da lógica informacional, Virilio indica que “se a foto cinematografia ainda se inscreve no tempo extensivo e favorece, com o *suspense*, a espera e a atenção, a vídeo-infografia em tempo real se inscreve desde já no tempo intensivo e favorece, com a *surpresa*, o inesperado e a desatenção” (VIRILIO, 2002, p. 102). Assim, inaugura-se uma nova era: “é chegado o tempo da visão sintética, o tempo da automação da percepção” (VIRILIO, 2002, p. 89). O tom crítico de muitos desses discursos salienta um sentido muito forte de *ruptura*: novos meios rompem com o regime perceptivo dos meios anteriores, provocando maior desgaste do aparato sensorial e perceptivo humano.

Outros autores, com perspectivas bastante divergentes entre si, poderiam ser citados neste breve panorama. No entanto, consideramos que mesmo o pequeno rascunho genealógico que propusemos é suficiente para demonstrar a linhagem do argumento que produz grande influência em autores contemporâneos e, em especial, nas alternativas que surgem a esse cenário em diversos produtos da cultura da atualidade.

1.2 “Sociedade de sensação”, “24/7”, “sociedade do cansaço”: variações da crítica contemporânea

Do mesmo modo que suprimimos as sutilezas dos arcaísmos filosóficos de alguns dos pilares dos estudos sobre a relação dos meios de comunicação com a cultura a partir da aceleração perceptiva, também não poderemos, neste trabalho, explorar as nuances das abordagens teóricas da atualidade a respeito de nosso tema. Propomo-nos a restringir nossa análise apenas a possíveis pontos de contato entre esses autores.

Na linhagem de Simmel, Benjamin, Adorno e Horkheimer, Virilio e outros, o alemão Christoph Türcke, o americano Jonathan Crary e o coreano Byung-Chul Han atrelam o advento dos meios de comunicação a uma mudança na natureza e na cadência dos aparatos perceptivos humanos.

Türcke cunha a expressão “sociedade de sensação” para abarcar as diferentes transformações socioculturais vividas pelos habitantes das sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas. Como os demais autores até aqui mencionados, seu argumento reside na constatação de que temos experimentado profundas alterações nos modos de percepção a partir da aceleração dos processos produtivos do capital. Türcke afirma que a etimologia da palavra *sensação* fazia dela um mero sinônimo para *percepção*. No entanto, com a especialização e crescimento do regime capitalista, teria havido um processo de mutação do sentido de sensação de tamanha intensidade que a palavra passou a significar não mais a percepção como um todo, mas a percepção do *incomum* e, finalmente, nos dias de hoje, seria quase um termo equivalente ao próprio *incomum*.

As tecnologias de informação seriam usadas no jornalismo, por exemplo, como artefatos de produção de *sensacionalismo* em seu sentido de provocação dos sentidos a partir do incomum, do insólito. Uma notícia é considerada relevante porque “foi agudizando o suficiente o nosso sistema nervoso e, ainda que seja apenas por um instante, chama a atenção” (TÜRCKE, 2010, p. 20). O pressuposto de Türcke ratifica a ideia da saturação dos sentidos no ambiente urbano: “o meio audiovisual necessita mobilizar todas as forças específicas de seu gênero e ministrar a notícia com toda a violência de uma injeção multissensorial, de forma que atinja o ponto que almeja: o aparato sensorial ultrassaturado dos contemporâneos” (TÜRCKE, 2010, p. 19).

Na mesma linha, embora com vigor crítico mais acentuado, o historiador da arte americano Jonathan Crary publicou em 2014 um ensaio de considerável repercussão sobre as implicações sociais, culturais e políticas da intensificação de um regime de vida 24/7, expressão que aponta para um modo de funcionamento vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Segundo Crary, 24/7 expressa um tempo sem demarcações bem definidas, em que a disponibilidade de acesso contínuo propiciado pelos dispositivos atuais do capital contribui para a eclosão de uma série de consequências desastrosas para a percepção e sociabilidade humanas. Os ritmos acelerados das tecnologias de comunicação nos modulariam em consonância com os processos de intensa troca abstrata dos mercados globais.

A vida online 24/7 traria como subtexto a condenação e a depreciação dos tempos humanos originais, com suas tessituras confusas e irregulares. Segundo Crary, apesar de não funcionarmos 24/7, não existiria mais tempo ou lugar em que não podemos, por exemplo, fazer compras, consumir ou explorar recursos na rede. A invasão da temporalidade dos mercados globais capitalistas em todas as esferas da vida social seria um golpe na periodicidade que sempre teria dado forma às culturas humanas, com seus ritmos e intervalos para acordar e dormir e alternância entre dias de trabalho e dias de descanso.

Sobre a relação dos meios digitais e a percepção, Crary enfatiza que as diversas telas que mediam nossa experiência diária devastam toda condição de luminosidade que não seja funcional. Estaríamos em vias de incapacitação da experiência visual, com uma desintegração da capacidade de ver. Toda visão seria reduzida a processos de homogeneização, redundância e aceleração. Atos como olhar e escutar seriam sobrepostos por operações e respostas repetitivas de uma atenção puramente funcional. As empresas de mídia digital seriam os operadores dessa nova etapa da metamorfose perceptiva engendrada pelos meios de comunicação:

Um dos objetivos do Google, Facebook e outras empresas (daqui a cinco anos, podem ser outros nomes) é normalizar e tornar indispensável, como esboçou Deleuze, a ideia de uma interface contínua – não literalmente sem costuras, mas uma ocupação relativamente ininterrupta com telas iluminadas de diversos tipos, que exigem constantemente interesse ou resposta. É claro que há interrupções, mas não são intervalos nos quais seja possível alimentar e apoiar qualquer tipo de contraprojeto ou linha de pensamento. Na medida em que a oportunidade de transações eletrônicas de todo tipo se torna onipresente, desaparecem os vestígios do que costumava ser a vida cotidiana livre de intrusões corporativas. (CRARY, 2014, p. 85).

O cenário sombrio descrito por Crary encontra esteio no provocador ensaio do coreano Byung-Chul Han denominado “Sociedade do cansaço”. Byung-Chul Han parte de trabalhos importantes de pensadores ocidentais como Foucault, Hannah Arendt, Deleuze, Alain Ehrenberg e outros para também ele diagnosticar que a velocidade e o sentido dos processos produtivos capitalistas têm transformado nossa sociedade em uma “máquina de desempenho autista” (HAN, 2015, p. 56). Inspirando-se no sociólogo Alain Ehrenberg, mas a ele elaborando críticas específicas, Han salienta que as diversas formas de pressão por produtividade e desempenho de nossos tempos produzem indivíduos inertes, sem forças para uma verdadeira reação criativa. Em um conhecido estudo, Ehrenberg defende que os sintomas do que é atualmente descrito como depressão revelariam algo distinto da *culpa* que, correlata do interdito, caracterizava as neuroses dos pacientes freudianos da modernidade. Nos casos de depressão, notar-se-ia menos culpa do que um *colapso*, uma sensação de total *esgotamento* das forças, de “*pane geral da*

ação” (EHRENBERG, 2008, p. 18, nossa tradução). Um tempo sem futuro instala-se diante daquele que é pressionado não simplesmente a agir, mas a agir brilhantemente, perfeitamente, a partir de iniciativas cujas origens ele é levado a crer que remontam a ele próprio, desvinculadas da rede que o conecta a todos os outros humanos. Tratar-se-ia de uma doença que revelaria o fracasso da propalada busca da autonomia que impulsiona muitas vidas no ocidente, dando-lhes sentido:

a *fadiga* que me esgota, me esvazia e me torna incapaz de agir, seja como uma patologia da responsabilidade, como uma doença da insuficiência. Essas duas versões acompanham a emergência de uma outra era da pessoa que, se não é evidentemente mais o sujeito pleno do século XVIII, não é totalmente o sujeito dividido do fim do século XIX: o indivíduo emancipado. Libertar-se tornava nervoso, ser livre deprime. A angústia de ser você mesmo se dissimula por trás da fadiga de ser você mesmo. (EHRENBERG, 2008, p. 52, nossa tradução).

Embora haja inúmeras especificidades no tratamento que Ehrenberg dispensa à figura do deprimido no contexto social da atualidade, percebemos em sua descrição ecos do indivíduo com atitude *blasé* de Simmel: em ambos, a incapacidade de reação corporal a uma enxurrada de estímulos provoca estados psíquicos deficitários específicos.

Como Ehrenberg, Byung-Chul Han constata um “excesso de positividade” em nossa cultura, no sentido de que há inúmeras convocações à ação e quase nenhum espaço para a *inatividade* e tempos de espera. Em forte comparação, Han vincula a atenção multitarefa (*multitasking*) de nossos dias a um comportamento animal em estado selvagem, como quando um tigre, por exemplo, come e, ao mesmo tempo, deve vigiar seus filhotes e preocupar-se em defender sua fêmea do assédio de outros machos. Logo, o excesso de positividade “fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção” (HAN, 2015, p. 31).

Em sua crítica ao texto *Vida activa*, em que Hannah Arendt afirma que a sociedade do trabalho aniquila toda possibilidade de real ação, degradando o homem a um estado de *animal laborans*, Han defende que Arendt erra ao insistir na ação como resistência. Toda ação, mesmo que “bem orientada” ou “pura”, ainda seria tributária dos mesmos parâmetros de nossa cultura que preza pelo movimento ininterrupto. Assim sendo, “a atividade pura nada mais faz do que prolongar o que já existe. Uma virada real para o outro pressupõe a negatividade de interrupção” (HAN, 2015, p. 53). O coreano avalia negativamente a rapidez, e reforça que toda cultura humana deve sua existência à contemplação e ao ócio:

A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hi-

peratenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. (HAN, 2015, p. 33).

Curiosamente, a “sociedade do cansaço” que nomeia o ensaio de Byung-Chul Han é menos um diagnóstico do que um antídoto. Trata-se de uma ode ao tédio, a um “cansaço” que não seria improdutivo, e sim criador de uma temporalidade não-ativa, radicalmente oposta àquela amplamente descrita por críticos da cultura e da comunicação desde os primórdios do século XX.

Em nosso curto panorama, podemos notar que muitas vozes diferentes têm contribuído para fortalecer o quadro teórico que sustenta o argumento da aceleração versus lentidão dos processos perceptivos vinculado à cultura capitalista e, em especial, aos meios de comunicação.

2. Comunicação e percepção para além dos binarismos

Após apontarmos, mesmo que brevemente, elementos que nos permitem costurar certa regularidade dos discursos acima, podemos levantar alguns pontos para discussão. Em primeiro lugar, sendo adequada ou não a afirmação de que os meios de comunicação em uma cultura capitalista produzem inequivocamente aceleração perceptiva nos indivíduos, suspeitamos de que esse diagnóstico eclipsa uma questão que julgamos mais relevante: tal forma de crítica acaba por conduzir à conjuração, à condenação, à avaliação negativa de toda forma de rapidez e da velocidade *como um todo*. Mesmo que não seja essa a intenção de autores e ativistas, temos a impressão, ao ler tais críticas e conhecer as alternativas propostas, que há apenas uma espécie de rapidez: a aceleração capitalista. Segundo esse modelo de pensamento, a única solução ética viável ao descrito quadro de aceleração seria a ênfase em seu extremo oposto, ou seja, a *desaceleração*. Tudo se passa como se os processos capitalistas de produção dispusessem do *monopólio* de toda forma de rapidez e velocidade.

Cria-se, assim, um impasse que parece remeter ao que Foucault argutamente descreveu como “hipótese repressiva”, quando estudou a constituição da sexualidade no ocidente: “Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer” (FOUCAULT, 1988, p. 34). Mais do que opor lentidão à aceleração, talvez seja preciso, primeiro, identificar a complexidade de movimentos temporais que tecem a tapeçaria de intensidades divergentes de nossas vidas: momentos de lentidão, outros de rapidez e aceleração, muitos deles com passagens entre um e outro quase imperceptíveis, servindo a demandas diversas, múltiplas.

Pode-se com efeito constatar que processos de produção capitalista

tenham tornado mais rápidos (e muitas vezes penosos) vários aspectos de nossa rotina. Essa avaliação, no entanto, pode nublar o fato de que talvez nosso maior problema não seja a velocidade e a rapidez propriamente ditas, mas a invasão de esquemas de *padronização* industrial em nossas rotinas, bem como os *automatismos* a que nos submetemos e que, frequentemente, até mesmo buscamos. Consequentemente, parte das respostas alternativas a esse cenário recai com frequência em uma idealização da lentidão.

Quais os benefícios de desacelerar, se os processos nos quais essa desaceleração é constituída permanecem seguindo padrões automáticos de eficácia e consumo? Como vimos, algumas alternativas a esse quadro soam nostálgicas, remetendo a um passado lento glorioso que, de fato, provavelmente existe apenas no imaginário contemporâneo. Essa espécie de condenação da aceleração seguida pela sugestão da lentidão dificilmente abre espaço para outras formas de *temporalidade intensivas*, sejam elas rápidas, lentas ou, principalmente, rápidas e lentas. Em tempos de binarismos acirrados, é preciso ressaltar que nossa crítica não encerra uma desqualificação das propostas de desaceleração. Ao trazê-las para o debate intelectual, propomo-nos a realizar o que a etimologia da palavra “crítica” preserva: acionar *crises*, *fraturas* no que é aparentemente sólido, de modo a tornar visíveis outros arranjos em sua pluralidade de possibilidades.

Para realizar um vigoroso estudo sobre a *eficácia* segundo a sociedade chinesa, François Jullien mostra-nos, em contraponto, como a tradição do pensamento ocidental tem o hábito da busca por planos de ação que, ao orientar padrões de comportamento e atitude, costumam engessar toda sabedoria nascida da própria potencialidade das situações. Mesmo as propostas de resistência encaixam-se em abstrações de formas ideais, edificadas em *modelos*:

Traçamos uma forma ideal (*eidós*), que colocamos como objetivo (*telos*) e agimos em seguida para fazê-la passar para os fatos. Tudo isso aconteceria por si mesmo – objetivo, ideal e vontade: com os olhos fixos no modelo que concebemos, que projetamos sobre o mundo e do qual fazemos um plano a executar, escolhemos intervir no mundo e dar forma à realidade. E quanto mais, em nossa ação, soubermos permanecer próximos dessa forma ideal, tanto maior será a chance de sermos bem-sucedidos. (...) O pensamento do modelo se ofereceu, ele próprio, como modelo. (JULLIEN, 1998, p. 13).

Embora não seja o foco deste trabalho esboçar alternativas concretas à oposição binária que parece contaminar as críticas à aceleração provocada pelos novos meios, assinalamos que há muitos modos de compor, de forma complexa, movimentos de rapidez e desaceleração em atitudes éticas, sem que seja necessário condenar um dos dois aspectos.

Já na aurora do ocidente, na obra de Homero, encontramos em “Ulisses de mil ardis”, dotado de *metis*, essa habilidade de fazer uso da astúcia atenta e oportuna, lenta ou rápida, mas eficaz em sua aplicação, capaz de fa-

zer frente aos deuses. Ainda referente ao legado grego, não nos esqueçamos ainda de *kairós*, com uma figuração admirável: “um jovem dotado de asinhas nos tornozelos, com cabelos na frente, e que passa sempre velozmente, tendo de ser agarrado por suas madeixas no momento em que passa – uma vez que é careca por trás” (FERRAZ, 2012, p. 7). Para os gregos, essa perspectiva do tempo era remetida à medicina, navegação e política.

Rapidez e desaceleração convivem, também, na *ruminação* nietzschiana, que desmonta o automatismo das respostas ao mundo sem que esse processo ocorra necessariamente de forma lenta. Daí, o artifício do estilo aforístico de Nietzsche, com frases e expressões curtas:

Embora a noção de digestão bovina, de ruminação convoque um tempo mais distendido e dedicado, certa velocidade intensiva também constitui a vivacidade reflexiva e atenta. (...) No parágrafo 257 de *Além de bem e mal*, [Nietzsche] ressalta que a brevidade de seu estilo aforístico solicita certo tipo de aproximação e de apreensão, um ritmo ágil, esperto, bailarino. Esclarece então que, para lidar com problemas profundos, aplica o seguinte método: banhos frios. (FERRAZ, 2015, p. 21).

Em nossa atualidade, para além da substituição de uma suposta rapidez pela vagareza, talvez seja mais profícuo perscrutar formas de velocidade intensiva que escapam a qualquer tipo de plano previamente traçado. Deixar advir os efeitos e não precipitá-los, não os tornar lentos à força. Será possível uma resistência à suposta aceleração da percepção que não se submeta a planos, modelos previamente traçados e consequentes heroísmos de ação?

Considerações finais

Sustentamos, neste trabalho, que há certa coerência entre o que consideramos uma linhagem do pensamento crítico sobre a relação entre as diferentes formas de mídia e percepção. A lógica dessa coerência está em: 1) afirmar que os meios de comunicação, sendo parte de uma cultura capitalista de produção industrial seriada e padronizada, contribuem para a aceleração da percepção dos indivíduos; 2) avaliar como negativa tal aceleração da percepção, uma vez que causaria danos irreparáveis ao psiquismo e à sociabilidade humanos; 3) propor, como resistência a esse quadro, alternativas que reforcem a necessidade de reduzir a velocidade de nossas atividades cotidianas ou mesmo extinguir algumas delas.

Há, certamente, grande riqueza em muitas iniciativas críticas como as avaliadas neste trabalho. Contudo, como pesquisadores, não nos cabe julgá-las positivas ou negativas, mas avaliar uma possível filiação de tais fenômenos a redes mais complexas de pertencimento. Ao apontar para uma provável armadilha em que muitas dessas bem intencionadas práticas encontram-se presas, buscamos tornar visíveis alternativas a essa oposição lógica que, a

nosso ver, impede que forças potentes divergentes sejam apreciadas. Podemos citar Stengers (2011, p. 2), para quem a tarefa do pensamento é “*ativar o possível, e não descrever o provável*”. Se sentimos a aceleração padronizada das atividades do cotidiano como um sintoma dos tempos que correm, que possamos ao menos questionar nossa reatividade imediata que nos faz vislumbrar a lentidão como única linha de fuga. Se nossas vidas são compostas por diversas velocidades, aceleradas e lentas, contraditórias e harmônicas, que saibamos construir instrumentos éticos complexos o suficiente para nos permitir seguir sem *pressa*, mas com *urgência*.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Potências e práticas do acaso**: o acaso na filosofia, na cultura e nas artes ocidentais. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. **Ruminações**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. In: _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. A hipótese repressiva. In: _____. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOMES, Luciane. Viciados em smartphones. **Isto É Online**. 03 set. 2010. Disponível em: http://istoe.com.br/99508_VICIADOS+EM+SMARTPHONE/. Acesso em: 13 fev. 2017

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JULLIEN, F. **Tratado da Eficácia**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SALOMONE, Roberta. De olhos bem grudados nos smartphones. **O Globo**. 25 nov. 2013, Digital & Mídia, p. 19.

SANCHEZ, María. “Quanto mais grupos de Whatsapp, mais chances de divórcio”. **El País online**. 06 fev. 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/01/estilo/1485961226_079882.html Acesso em: 13 fev. 2017

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

STENGERS, Isabelle. **Another Science is possible**: a plea for slow science. Aula inaugural na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Livre de Bruxelas. Bruxelas: Universidade Livre de Bruxelas, 2011. Disponível em: http://we.vub.ac.be/aphy/sites/default/files/stengers2011_pleas-lowsience.pdf. Acesso em: 25 jan. 2017.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

VIRILIO, Paul. **A máquina de visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.